

NOS BASTIDORES DO ENSINO ONLINE: DO PLANEJAMENTO À AVALIAÇÃO

ALVES, Lynn Rosalina Gama – UNEB

NOVA, Cristiane Carvalho da – UNEB

LAGO, Andréa – UNEB

GT: Comunicação e Educação/n.16

Agência Financiadora: não contou com financiamento

A demanda crescente por cursos online vem provocando também um aumento significativo de teses, dissertações e artigos que avaliam o processo e muitas vezes constataam que as experiências realizadas limitam-se a transpor o cotidiano de cursos presenciais para o ambiente digital. Isso reforça a idéia de que os sujeitos do processo de ensinar/aprender a distância, sejam professores ou sejam alunos, ainda não imergiram na lógica destes espaços de aprendizagem que exigem, muitas vezes, novas posturas e metodologias.

Todavia, apesar da quantidade da produção existente analisando esses processos, muitas reflexões ainda permanecem embrionárias. Daí a necessidade de prosseguir a discussão. É interessante ainda salientar que a maior parte desses escritos concentra-se na análise geral dos cursos realizados, englobando seus diferentes pontos de vista, o que muitas vezes deixa a necessidade de um aprofundamento específico de determinadas questões. É isso o que realizaremos aqui, neste artigo, onde buscaremos analisar uma experiência de ensino online a partir da perspectiva dos professores-conceptores. Consideramos de extrema importância desvelar o que acontece por trás de um curso a distância que utiliza a mediação dos suportes telemáticos. Dentro desta perspectiva, temos a intenção de discutir as categorias teóricas e a prática que norteiam os processos do ensino online, delineando as etapas de construção, realização, acompanhamento e avaliação de um curso

semi-presencial, realizado junto a professores/pesquisadores do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O curso teve como tema a discussão em torno das comunidades de aprendizagem e do ensino online. A idéia de realizá-lo surgiu da demanda do Instituto, a partir de um interesse de que parte das suas atividades de formação, em nível de extensão e pós-graduação, pudessem vir a ser ministradas também através da modalidade de EAD. Para isso, seria necessário que seus professores e pesquisadores passassem pela experiência de serem alunos online e, sobretudo, que discutissem as lógicas, o funcionamento e a estrutura dessa nova forma de ensinar e aprender, para alguns ainda uma realidade muito distante de sua cultura e prática. E uma estratégia para o alcance desses objetivos foi a criação de uma comunidade de aprendizagem.

Comunidades de aprendizagem e ensino online

Hoje, discute-se muito a emergência das comunidades virtuais, enquanto ambientes que promovem a interação e a comunicação online entre indivíduos, com interesses e/ou objetivos em comum. Pensamos que a mediação desses ambientes é fundamental para a ampliação do potencial cognitivo e de sociabilidade da EAD que, no nosso entender, não é apenas uma forma de aprendizagem autodidata. Concebemos a EAD como uma modalidade de ensino que, tal como o ensino presencial, demanda o diálogo e a troca entre os sujeitos do processo de ensinar e aprender, assim como a mediação constante dos professores, inclusive para suprir determinadas necessidades que presencialmente poderiam ser solucionadas pela convivência direta. No entanto, é necessário se compreender que a comunicação entre esses sujeitos se dá através de lógicas e estratégias distintas, que implicam em novas posturas, tanto para os alunos quanto para os professores. ~~Essa é uma das~~

~~grandes questões a serem enfrentadas hoje pelas instituições que desejam investir na EAD, sobretudo quando os grupos envolvidos ainda não possuem uma cultura de "vida online" estruturada, uma realidade ainda vivida pela maior parte da nossa população.~~

Nesses casos, as comunidades virtuais atuariam também no sentido de construir essa cultura. Mas sua função não se esgota aí. Quando, em torno desses grupos, existe um interesse de construção coletiva do conhecimento, essas comunidades virtuais (seja através de circuitos formais ou não) transformam-se em espaços plenos de aprendizagem: daí denominá-los de *comunidades de aprendizagem*. Entendemos o conceito original nas perspectivas de Rheingold e Turkle. Para Rheingold,¹ essas comunidades se constituem em agregações sociais que surgem na Internet e são formadas por interlocutores invisíveis que podem ter interesses que vão do conhecimento científico ao conhecimento espontâneo, utilizando esses espaços para trocas intelectuais, sociais, afetivas e culturais, permitindo aflorar os seus sentimentos, estabelecendo teias de relacionamentos, mediadas pelo computador, conectados a uma linha telefônica e um modem. Dessa forma, *as pessoas, nas comunidades virtuais, fazem quase tudo o que as pessoas fazem na vida real, mas deixam para trás seus corpos.*³

Estes ambientes, que surgiram na década de 1970, são potencializados hoje pela Internet, caracterizando uma nova forma de viver que, no dizer de Turkle, constituir-se-ia na "vida na tela" (Turkle, 1997).²

~~Nestes últimos tempos, o computador tornou-se algo mais do que um misto de ferramenta e espelho: temos agora a possibilidade de passar para o outro lado do espelho. Estamos a aprender a viver em mundos virtuais. Por vezes, é sozinhos que navegamos em oceanos virtuais, desvendamos mistérios virtuais e projetamos arranha-céus virtuais. Porém, cada vez mais, quando atravessamos o espelho, deparamos-nos outras pessoas (Turkle, 1997:11-2).~~

¹<http://www.rheingold.com/vc/book/intro.html>

A vida na tela ~~estaria permitindo, dessa forma,~~ aos sujeitos, a criação de novas formas de sociabilidade (virtuais) que se concretizam através da criação de vínculos afetivos e profissionais, que muitas vezes se estruturam na possibilidade do anonimato ou da troca de identidades (máscaras) e em novas formas de trocas de informação e experiências.

A grande questão colocada hoje é que a emergência destas comunidades podem ampliar as possibilidades de construção do conhecimento em rede, configurando-se no que Lèvy (1994) denomina de *inteligência coletiva*, construída mediante uma necessidade pontual dos seres humanos, que trocam e constroem novos saberes, estabelecendo, assim, um laço virtual que pode auxiliar seus membros no aprendizado do que desejam conhecer. Todavia, para Lèvy, esta inteligência não prescinde da inteligência pessoal, assim como do esforço individual e do tempo necessário para se aprender, pesquisar e se integrar às diversas comunidades, sejam elas virtuais ou não.

A partir dessas perspectivas, defendemos que os cursos online podem ter sua base de estruturação nas comunidades de aprendizagem, que devem ser pensadas a partir das necessidades e demandas específicas de cada grupo em particular. A partir desse entendimento, construímos a proposta do curso *Comunidades de Aprendizagem e Ensino Online*, aproveitando a experiência que já tínhamos da participação e construção coletiva de outras comunidades.²

O Processo de Construção do Curso

~~Como o projeto foi estruturado para a formação de um grupo específico, Todo o projeto foi construído visando atender as~~

2 Recentemente produzimos um artigo sobre interatividade, utilizando apenas os chats e o correio eletrônico para realizar as discussões e sistematizar as idéias. ALVES, L. ~~ynn~~, LAGO, A. ~~ndrea~~ e NOVA, C. ~~ristiane~~. Educação a distância e comunicação interativa. In: ALVES, L. ~~ynn~~ e NOVA, C. ~~ristiane~~. (eOrgs.). Educação e Tecnologia: trilhando caminhos. Salvador: ~~Editora da~~ UNEB, 2003, p.-11-34.

~~demandas dos professores e pesquisadores do ISC, que buscavam, como já apontado acima, uma formação inicial para que os mesmos pudessem estruturar cursos a distância e/ou semi-presencial. Nesse sentido, todas as nossas propostas foram negociadas e ajustadas constantemente, em especial com os proponentes e coordenadores, para que pudessem se conectar à realidade e aos desejos dos sujeitos que estariam envolvidos no processo.~~

Ao começarmos a pensar a estrutura do projeto, foi necessário ~~rediscutirmos — discutíssemos o~~ nossas ~~compreensões do planejamento — de cursos online, a partir de nossas experiências anteriores como professores e alunos (presenciais e online), concebido~~ endo ~~e~~ como um grande desafio que não pode ser vencido apenas seguindo roteiros, mas que exige uma verdadeira imersão no universo em que iremos trabalhar. Dentro dessa perspectiva, foi fundamental perceber que as lógicas da comunicação, da aprendizagem e da sociabilidade se transformaram e que essa percepção só é possível a partir de uma. ~~E para se chegar a essas novas dimensões, tínhamos que levar em consideração nossa vivência de interação com os suportes tecnológicos, desde os editores de texto, o correio eletrônico, a navegação na web, as listas e fóruns de discussão, e ainda com recursos mais sofisticados, como editores de websites, programas de animação e vídeo, gerenciamento de sistemas.~~ Pensamos que a intimidade com as lógicas trazidas por essas e outras pelas tecnologias digitais é fundamental para a formação do professor online, possibilitando-o a pensar ~~alternativas e caminhos a serem trilhados, num percurso ainda muito incerto.~~ Isso porque essas tecnologias podem ampliar as nossas potencialidades cognitivas e pedagógicas, resignificando, assim, nosso papel de mediador do processo de construção do conhecimento, ~~agora em um outro espaço de aprendizagem: o espaço online.~~ Não estamos defendendo que o professor online precisa ser um técnico avançado em informática, ~~computação gráfica ou programação,~~ mas que ele possa ter uma interação mínima com

esses suportes digitais e uma noção dos processos envolvidos na preparação de um curso a distância, inclusive para que possa saber demandar o necessário, aos demais profissionais que se encontrarem envolvidos no projeto. É algo complexo para muitos de nós, professores, visto que essa lógica é muito nova e, em alguns casos, muito distante de nossa cultura e dia-a-dia. ~~Nossa formação não nos preparou para a interação com essas tecnologias.~~ Mas é algo necessário. Imaginem como seria dar aulas numa escola presencial, nos moldes de hoje, sem saber ler e escrever? ~~Ou ainda dar uma disciplina para alunos sem compartilhar de seu idioma?~~ Esse é um desafio que o professor online precisa se colocar nos dias de hoje e que, nesse sentido, não poderia estar fora de nossas discussões no curso que estávamos planejando, na medida em que nossa investida visava a formação de possíveis futuros professores online.

Pensamos que a primeira etapa dessa formação seria a realização de um curso sobre as principais categorias que envolvem o ensino online (que deveria ser seguida de outras atividades de aprofundamento), para que os alunos (futuros professores) pudessem discutir as ~~principais~~ questões teóricas, práticas e didáticas hoje debatidas em torno da EAD. Optamos pela realização de um curso de extensão semi-presencial, de 30 horas de duração, com 12 h. de ~~atividades~~ presenciais e 18 h. de ~~atividades~~ online. Nessas 12 h. presenciais, interagiríamos com os nossos interlocutores verificando os processos/ações enquanto estado online e offline do grupo, foi interessante perceber como uma primeira experiência destes alunos/professores suas indagações, curiosidades, e reações no presencial e quando estávamos a distancia, além de que o primeiro encontro com todo o grupo se deu de forma presencial, pois acreditamos ser de fundamental importância, nesse escopo de curso, um primeiro contato para apresentar e discutir coletivamente a proposta do curso, explorar o ambiente online e os meios de comunicação que seriam usados, e ainda conheceríamos aqueles que possivelmente seriam nossos parceiros em outros projetos, assim

como realizaríamos um trabalho de sensibilização junto adaqueles professores mais resistentes. Quanto à parte a distância, a idéia era que os ~~possíveis futuros professores~~ alunos pudessem vivenciar uma primeira experiência no ensino online — já que a maior parte deles nunca havia participado de outra atividade semelhante —, nao posição de alunos.

~~A partir dessas definições iniciais, demos continuidade ao planejamento das atividades, uma etapa essencial para o sucesso ou o fracasso de um curso nesta modalidade de ensino, que exige uma concepção diferenciada do planejar, que estabeleça relações com as lógicas hipertextuais características das tecnologias digitais.~~

A partir de uma reflexão sobre as necessidades do grupo, definimos as categorias básicas a serem trabalhadas: **comunidade de aprendizagem, ensino online, planejamento e avaliação na EAD e interatividade** (considerada aqui como conceito chave para o alcance dos objetivos de um curso a distância). ~~O curso foi denominado *Comunidades de Aprendizagem e Ensino Online*.~~ Definimos como objetivos a serem alcançados, os seguintes:

- **Proporcionar** momentos de reflexão teórico/prática, ressignificando assim a práxis pedagógica que emerge agora em novos ambientes digitais de aprendizagem.
- **Desenvolver** novos caminhos para o processo de construção do conhecimento, encarando as tecnologias hipermediáticas como elementos mediadores deste processo.
- **Orientar**, em nível técnico e teórico, os professores, pesquisadores e profissionais para uma interação mais efetiva e ativa com os elementos tecnológicos digitais e para a preparação de cursos online.
- **Contribuir** para a construção de um olhar diferenciado da modalidade de educação a distância, indo além da mera transposição da prática presencial para os ambientes digitais.

~~Enquanto professoras do curso, pP~~Paralelamente, montamos o perfil da turma e, a partir de então, começamos a discutir, junto aos proponentes do curso, e ordenadores professores do ISC, quais as

ferramentas e linguagens que utilizaríamos ~~no curso~~.

Perfil da Turma

Definimos que o curso teria uma clientela de no máximo 25 alunos, que deveriam ser ou professores ou pesquisadores ligados ao IGSC, com interesse na EAD e, em desenvolver atividades de ensino online ~~ou semi-presencial, ou ainda no uso de tecnologias digitais (em especial de rede) no ensino presencial~~. De acordo com um levantamento inicial, pudemos constatar que a maior parte dos possíveis alunos já haviam concluído a graduação e cursos de pós-graduação ~~(especializações, mestrados e doutorados)~~, participavam de pesquisas, ensinavam em universidades e tinham formação em áreas distintas ~~(psicologia, medicina, sociologia, pedagogia, etc.)~~, embora com interesses voltados para a área da Saúde Coletiva. Era, portanto, um público que dominava a lógica formativa acadêmica. Todavia, não tínhamos certeza quanto ao nível de interação tecnológica dos possíveis alunos, embora ~~tivéssemos uma idéia vaga, baseada em observações empíricas, de que, como professores e pesquisadores universitários, esse~~ soubéssemos que eles ~~público provavelmente já interagiriam pelo menos com a Internet e editores de textos, condição mínima para podermos levar adiante um projeto dessa natureza.~~

A Escolha das Ferramentas: Limites e Possibilidades

A definição dos ambientes a serem utilizados em um curso a distância se constitui em um momento crucial para assegurar o alcance dos objetivos estabelecidos, demandando, portanto, um conhecimento prévio destes suportes tecnológicos em nível de possibilidades e limites pedagógicos e técnicos, bem como uma avaliação sobre questões de natureza financeira, ~~isto é, os custos que implicam na escolha de um determinado ambiente~~. Inicialmente, avaliamos a possibilidade de realização do curso com o uso conjunto

de ferramentas gratuitas existentes isoladamente na Internet. Todavia, em função de, como, por exemplo, o YahooGrupos, o Grupos.com, Forumnow, Globo.com e o MSN Grupos. Estes ambientes, embora disponibilizem ferramentas básicas que podem ser usadas para realização de cursos online, apresentam alguns limites e inconvenientes que essa escolha apresentaria para nosso caso em particular, precisam ser levados em consideração. Em primeiro lugar, nenhum deles agrega, conjuntamente, todas as ferramentas que necessitávamos para a realização do curso. Isso implicava na necessidade de utilizar mais de um ambiente ferramenta, com seus respectivos cadastros. Em segundo lugar, por serem gratuitos, muitos deles têm problemas de estabilidade e de espaço de armazenamento. Além disso, podem, a qualquer momento, ser “tirados do ar”, juntamente com todo o material armazenado, embora isso seja uma possibilidade muito difícil, se estivéssemos utilizando ambientes de grandes multinacionais, a exemplo da Yahoo ou da Microsoft. Além disso, por serem gratuitos, esses ambientes obrigam-nos ao contato constante com propagandas, o que muitas vezes pode se tornar inconveniente e indesejável. essa opção se tornava inviável, embora Apesar disso, defendemos que o uso dessas ferramentas ambientes é uma alternativa muito interessante para algumas atividades de formação online. aqueles cursos que demandam pouca estrutura, que não dispõem de verba para a compra ou aluguel de servidores e de softwares ou que visam uma socialização das comunidades de aprendizagem.³ No nosso caso, avaliamos que o melhor seria utilizarmos um ambiente mais completo, específico para o ensino online, inclusive porque seria a partir dos mesmos que os alunos construiriam seus futuros cursos. Dentre os mesmos, avaliamos a possibilidade de utilização de alguns ambientes de EAD comerciais, a

3 Para maior aprofundamento sobre limites e possibilidades destes ambientes, consultar: ALVES, Lynn.

Do discurso a prática: uma experiência em uma comunidade de aprendizagem. In: ALVES, Lynn Rosalina Gama e NOVA, Cristiane. (Orgs.). Educação e tecnologia: trilhando caminhos. Salvador: UNEB, 2003, 124-145.

~~exemplo do Learning Space, da Lotus-IBM, e alguns gratuitos, tais como o Aulanet e o TelEduc, desenvolvidos pela PUC-Rio e Unicamp, respectivamente.~~

Após uma avaliação específica ~~des alguns~~ ses ambientes, tendo em vista as necessidades e possibilidades do projeto em questão, definimos, junto a equipe de coordenação do ISC, pela utilização do TelEduc (versão 3.1.7) que, além de possuir um sistema de gerenciamento de cursos online, com controle de inscrição, de acesso, de atividades, entre outros, integra num mesmo ambiente ferramentas de produção individual e coletiva (fórum, portfólios, diários de bordo), de comunicação síncrona e assíncrona (chat, correio, mural, FAQ), além de espaços para armazenamento de dados (textos, material de apoio, animações, transparências, etc.). Trata-se de um software freelivre e de um ambiente disponibilizado gratuitamente para instituições públicas de ensino e pesquisa, ~~o que fortalece a concepção da REDE enquanto um espaço de construção coletiva do conhecimento.~~

Ele foi produzido pelos pesquisadores do Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Unicamp, a partir ~~de uma~~ metodologia participativa, buscando atender as necessidades relatadas pelos usuários. Sua concepção buscou ser realizada a partir ~~do~~ referencial da teoria construtivista. Para tanto, sua lógica de funcionamento enfatiza “a atividade do professor e sua reflexão a partir dos resultados atingidos”.⁴

~~Dessa forma, como coloca o artigo da professora Heloisa Vieira da Rocha, “o TelEduc foi concebido tendo como elemento central a ferramenta que disponibiliza Atividades”. O ambiente considera importante o aprendizado da informática(???)~~, que deve ser feito a partir da resolução de problemas “com o subsídio de diferentes materiais como textos, software, instruções de uso que

4 Ver website do projeto: <http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>

podem ser colocados para o aluno por meio de ferramentas como: Material de Apoio, Leituras, Perguntas Frequentes *etc.*”. Estas atividades Existe também uma preocupação em possibilitar a comunicação entre os participantes do curso, além de se frisar a necessidade de armazenamento de todo o material construído, para que a reflexão sobre o processo seja realizada tanto pelos professores (denominados de formadores) e alunos, preocupa-se também em possibilitar a comunicação entre os participantes do curso.⁵

Nesse sentido, pensamos que o TelEduc atendia as nossas necessidades e encontravam-se de acordo com nossas concepções de aprendizagem, embora com um referencial teórico específico. No contexto deste artigo, achamos desnecessário apresentar detalhadamente as ferramentas do ambiente, visto que essas características podem ser encontradas em vários dos artigos disponibilizados no próprio website⁶ do projeto. Assim, enfocaremos apenas o processo de utilização do software, assim como os limites e possibilidades apresentados por este para a atividade que realizamos.

Após a opção pelo uso do TelEduc, iniciamos o acompanhamento de todo o processo de instalação do mesmo num dos servidores da UFBA, que durou em torno de um mês.

demandou um trabalho considerável, devido às incompatibilidades com outros softwares, à necessidade de instalação de programas e bancos de dados específicos e ainda aos *bugs* (“falhas”) apresentados pelo programa que ainda, “o TelEduc é um ambiente em está desenvolvimentos software ainda está em desenvolvimento”, o que nos colocou a necessidade de estar em contato direto com a equipe do TelEduc/Unicamp(SP) para informar sobre os obstáculos encontrados para realização das atividades

5 ROCHA, H. V. O ambiente TelEduc para Educação a distância baseada na Web: princípios, **funcionalidades e perspectivas de desenvolvimento.**

<http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>

6 <http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>

~~propostas. E houve uma comunicação satisfatória e contriubuição mútua considerável entre as partes. Demoramos Foi demandado o tempo em torno de trinta dias, entre instalação, configuração, testes e contatos, para que o ambiente estivesse apto a receber os conteúdos e preparado para iniciar o curso(funcionando “bem”.)~~

No que diz respeito às ferramentas de comunicação oferecidas pelo TelEduc, tais como o Chat, o Correio e o Mural, nossa prática em outros cursos a distância tem nos mostrado que estas não são suficientes, muitas vezes, para atender às demandas dos alunos. Uma das grandes críticas feitas pelos alunos de cursos online é a falta de comunicação efetiva entre os cursistas e estes e oscom os professores, o que normalmente implica em uma certa demora em responder as demandas dos sujeitos. Preocupadas com este aspecto e pensando em utilizar as potencialidades oferecidas na Rede para viabilizar a comunicação, decidimos também utilizar uma ferramenta de mensagem instantânea, ~~de comunicação sínerona~~, que permitisse um contato mais ~~facil~~direto entre todos os participantes que estivessem conectados a Internet, independentemente de estarem entrando no ambiente para lerem as mensagens. Optamos pelo uso do MSN Messenger, da Microsoft, que é gratuito e está em português, e que possibilita, além da troca de mensagens, a realização de chats, com troca de áudio, e de videoconferências entre dois usuários que disponham de webcameras e microfones.

É interessante pontuar que a interface do ambiente TelEduc é extremamente amigável, seja para o uso dos professores e, seja dos alunos, mas que, contudo, não é possível customizá-la à proposta de cada curso, inclusive no que diz respeito ao lay-out.

~~Ao longo do artigo, na medida em que formos pontuando o processo de realização do curso, iremos retomando os demais limites e as possibilidades das ferramentas do ambiente.~~

Constituição da Equipe

Uma outra questão fundamental para o planejamento de um curso online é a formação de uma equipe, visto que a preparação e concretização do mesmo envolve uma série de atividades que fogem à competência habitual de um professor que trabalha com o ensino presencial, além do fato de que engloba uma quantidade de atividades muito superior àquela que apenas um professor pode dar conta, nas condições habituais de trabalho, no mercado de ensino atual.

Em uma visão mais convencional de EAD, percebe-se a predominância de propostas que concebiam equipes multidisciplinares, onde o processo de construção e realização dos cursos é fragmentado. Hoje, muitos cursos delimitam os atores/autores do processo a partir das seguintes funções: *professor-autor* (responsável pela sistematização do conteúdo), *professor-instrutor* (responsável pela formatação do conteúdo de forma instrucional), *professor-tutor* (o profissional que acompanha os alunos, tirando dúvidas), *programador* (desenvolvedor do ambiente que gerenciará o curso), *web-roterista* (profissional responsável pela adequação do conteúdo à lógica hipertextual), *web-design* (desenvolve a estética do ambiente) e o *suporte técnico* (atende as demandas técnicas que surgem durante a realização do curso). Esta equipe, em geral, realiza suas funções de forma desarticulada, sem o conhecimento e integração com o todo, separando-se inclusive a concepção intelectual do curso da sua aplicação, ~~feita por profissionais distintos e que podem ter concepções diferentes das questões trabalhadas, mas são “obrigadas” a se encaixar num esquema preestabelecido.~~

É a própria lógica *fordista* que ainda permeia a indústria tradicional e que é incorporada à educação, de forma bastante reducionista, onde cada profissional é limitado à função de “apertar um parafuso” de um produto, cuja estrutura global lhe foge

completamente. A teoria da economia política chama esse processo de *alienação* e pensamos que o conceito se aplica a essa forma de divisão de trabalho adotada em algumas experiências de EAD. O termo vem do latim, *alienatio*, que significa uma ação de tornar alguma coisa ou alguém a um outro. Trata-se do “processo ligado essencialmente à ação, à consciência e à situação dos homens, e pelo qual se oculta ou se falsifica essa ligação de modo que apareça o processo (e seus produtos) como indiferente, independente ou superior aos homens, seus criadores”.⁷ Segundo Marx, a alienação é um processo pelo qual um trabalhador é desapossado do produto do seu trabalho, perdendo a consciência do todo produtivo e, portanto, de sua participação nesse processo.⁸ Nessa perspectiva, o professor é praticamente resumido à função de um mero executor de tarefas, sem autonomia e participação ativa dentro do processo de construção do conhecimento do grupo ao qual se encontra vinculado. Toda a relação objetiva e subjetiva que este deveria estabelecer com o conhecimento e com seus alunos é transformada numa relação de mera prestação de serviços, onde o aluno é cliente. Torna-se evidente que isso compromete a aprendizagem do aluno e dificulta que o mesmo se implique subjetivamente no processo de construção do conhecimento que deveria ser estabelecido.

E essa não é uma realidade vivida apenas no Brasil. ~~Otto Peters (2001)~~, ao analisar experiências de EAD em outras regiões alguns países da América, Europa, Ásia e África, constata que essa é ainda a lógica predominante nas principais universidades que trabalham com esta modalidade de ensino, devido a questões ligadas à perspectiva didática tradicional, além do fator custo, extremamente importante, na medida em que cursos dessa natureza são criados para serem oferecidos a um grande número de alunos, tornando-se, dessa forma, um produto de massa. ~~Dessa forma, ele afirma:~~

~~Onde até então, no caso do docente, tudo estava na mão de~~

7 Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI.

8 MARX, K. Primeiro Manuscrito: Trabalho Alienado. Ver cópia do texto digitalizada em <http://www.brasil.terravista.pt/Ipanema/3297/man2.html>

~~uma única pessoa, foi estabelecida a divisão do trabalho, colocando, por exemplo, o planejamento, o desenvolvimento e a exposição do ensino, bem como a correção dos trabalhos, nas mãos de diversas pessoas, podendo as tarefas serem realizadas em épocas diferentes e em lugares diferentes. (Peters, 2001:200)~~

~~E ainda que~~

~~A consequência mais importante da *objetivação*: o ensino tornou-se um produto, que podia ser modificado e *otimizado*, sobretudo, porém, podia ser vendido, e isso não apenas *in-loco*, mas, sim — como uma mercadoria produzida industrialmente —, em toda parte. (Peters, 2001:201)~~

~~É interessante ainda pontuar que, embora a perspectiva fordista possa influenciar o ensino presencial, como o fez em alguns casos na história, o ensino a distância permite ampliar sua capacidade de alcance, em níveis exponencialmente incomparavelmente maiores.~~

Devido a essas objeções, colocamo-nos contrários a essa perspectiva de fragmentação da equipe de trabalho. Em primeiro lugar, defendemos que não deva haver de um lado um professor-conteudista e de outro um professor-tutor. Isso porque a função do professor, ~~seja seja~~ no ensino presencial ou online, não é a de preparar conteúdos a serem depositados, nem de tutorar ou assessorar os alunos a partir de um saber alheio. O professor, diferentemente, é aquele que media o processo de construção de conhecimento do aluno, a partir de sua experiência. Vygotsky, sabiamente, na década de trinta, já sinalizava

A mais importante exigência que se faz a um professor nas novas condições é a de que ele deixe inteiramente a condição de estojo e desenvolva todos os aspectos que respiram dinamismo e vida. Em todo trabalho docente do velho tipo, formavam-se forçosamente um certo bolor e ranço, como em água parada e estagnada. E aqui de nada servia a costumeira doutrina segundo a qual o mestre tem uma missão sagrada e consciência dos seus objetivos ideais (Vygotsky, 2001:449).

Nesse sentido, cabem a esse professor os papéis de seduzir o

aluno para o investimento no processo de conhecer, orientá-lo no percurso, dando-lhe referências, mostrando-lhe caminhos trilhados, sugerindo-lhe possibilidades, tirando-lhe dúvidas, ouvindo-o. E para que esse trabalho possa ser realizado, o professor precisa ter a noção do todo, ter a consciência de que muitas trilhas só se concretizam no próprio caminhar coletivo, com suas dinâmicas próprias que nunca podem ser previstas completamente, desde aquilo que está sendo trabalhado, até a adaptação das ferramentas, os conteúdos e as formas que assumem esses cursos. Ele precisa, portanto, participar de todas as etapas de realização do projeto mesmo, mesmo que trabalhando em conjunto com uma equipe de especialistas nas áreas de programação, web, design, animação, vídeo, etc. ~~Mas, para que ele realize esse acompanhamento, é necessário que ele compreenda toda a lógica de concepção de cursos online, em todas as suas etapas, para que as escolhas feitas pela equipe possam estar em sintonia com sua perspectiva de aprendizagem e educação e não subutilizem o potencial comunicacional e pedagógico das ferramentas e discursos selecionados.~~

Daí a necessidade do professor não trabalhar de forma extensiva, mas de se concentrar em determinados projetos, que lhe consumirão muitas horas de atividade, seja no planejamento, seja na execução. ~~O curso deve ser, portanto, parte integrada da rotina desse professor.~~ Essa dimensão ainda é ampliada quando acrescentamos o fato de que o volume da demanda do professor durante a realização dos cursos é muito grande, dado que este tem que dar conta, quase em tempo real (para que o curso tenha um ritmo) de responder às listas de discussão e aos e-mails individuais, de alimentar as discussões nos fóruns, de ler a produção dos alunos, de participar de encontros síncronos, e, sobretudo, de avaliar e acompanhar a aprendizagem dos alunos, individual e coletivamente, a partir de todos esses dados, que em alguns cursos chegam a volumes gigantescos. Sem falar do fato que, muitas vezes, o ritmo da turma

impele, durante a realização do curso, a transformações no planejamento, a ressignificações das propostas e preparação de mais material e estratégias.

Pensamos que a alternativa para solucionar esses problemas não ~~esta direcionada vai no sentido de~~na fragmentação da função do professor, mas na realização de atividades com números reduzidos de alunos ou ainda na possibilidade de se trabalhar com mais de um professor por disciplina, negociando todas as atividades realizadas ao longo do processo de concepção e de realização dos cursos. No entanto, isso implica no aumento dos custos para a EAD online, o que muitas vezes vai de encontro às propostas ~~levadas a~~~~cabem~~~~consideradas~~ ~~seja por~~ ~~por~~ instituições públicas e privadas, que objetivam, muitas vezes, com suas iniciativas, um ensino de massa.

Na nossa ~~equipe foi experiência,~~ ~~essas foram às estratégias por~~ ~~nós adotadas.~~ ~~Constitu~~~~constituída~~~~imos~~ ~~uma~~ ~~equipe~~ ~~por~~ ~~de~~ três professores que trabalham e discutem as relações entre tecnologia e educação e a EAD, com especializações e habilidades distintas, que pudessem se completar e intercambiar. E optamos por realizar nós mesmas todas as etapas do processo de criação e desenvolvimento do curso em questão, a exceção da parte da programação, visto que optamos por escolher ambientes e ferramentas já desenvolvidos, como apontado acima. Tratou-se de uma opção difícil, visto que ampliou significativamente o volume e o âmbito de trabalho e atuação dos professores, assim como sua responsabilidade sobre todo o processo. Fizemos essa escolha conscientes das demandas e riscos que a mesma poderia implicar, exatamente para termos mais dados no momento da avaliação e uma experiência mais completa quando da realização de cursos futuros. Nesse sentido, além do trabalho de elaboração da proposta, definição dos conteúdos, escolha das ferramentas, realização das aulas presenciais, acompanhamento e avaliação das atividades a distância, acompanhamos todo o processo de instalação do TelEduc ~~no servidor da Universidade,~~ elaboramos, nós mesmos, todo o material didático que foi utilizado,

incluindo aí textos escritos, hipertextos, hipermídias, websites, vídeos e animações, disponibilizados no ambiente e num cd-rom (dado aos alunos no primeiro encontro presencial dia de aula). ~~Como nem todos os professores dominavam muitas das ferramentas e conhecimentos necessárias para a construção dessas mídias, tivemos que realizar um processo paralelo de formação, onde os conhecimentos dos professores foram trocados, o que contribuiu profundamente para a nossa auto formação enquanto profissionais.~~
~~**(ta confuso essa frase o q quis dizer?, q nos não sabíamos os softwares fizemos uma formação paralela..sei la ajeita aqui)**~~
 Ao todo, essa etapa de planejamento envolveu gastou uma média de 100 horas de trabalho para cada professor, incluindo reuniões presenciais e online, atividades de criação, no coletivo ou individualmente, avaliação contínua da produção, dentre outras atribuições.

Embora essa tenha sido uma experiência muito rica, este não é necessariamente o caminho mais adequado em todos os casos, visto que os cursos podem ter dimensões muito maiores do que o realizado por nós, inviabilizando os projetos por falta de tempo e estrutura. Nesses casos, o mais indicado é a constituição de uma equipe que deve ser orientada pelo professor, que preparará o **conteúdo**, de maneira ~~forma~~ articulada com a **forma**, assim como executará as atividades, mesmo que auxiliado por outros profissionais. As necessidades destes variam de curso para curso, a depender das demandas e especificidades. O mais comum é que o professor possa contar com um web-designer e com um bom suporte técnico. Caso haja necessidade, ele pode recorrer a um animador gráfico, um videomaker, um programador, etc. É interessante que o próprio professor possa atuar como web-roteirista do material a ser utilizado, mesmo que ele não tenha condições técnicas de montar o mesmo. Isso garantiria que a lógica de navegação, dessa forma, estivesse de acordo com a concepção geral do curso. Mas isso implica na aprendizagem de uma linguagem que ele muitas vezes

não domina.

Seleção e Construção de Textos, Atividades e Mídias

~~Como apontado acima, nós, professoras do curso, optamos por realizar juntas todo o trabalho de seleção, criação e desenvolvimento de textos, atividades e mídias. Todo esse material foi disponibilizado no cd-rom e parte no ambiente do TelEduc (a exceção daquilo que era muito pesado para download, a exemplo de vídeos e algumas animações).~~

~~—Acima, imagens das telas de apresentação dos textos do TelEduc e do cd-rom.~~

Foram selecionados e disponibilizados no ambiente e no cd-rom dezenove textos de apoio, para que os alunos aprofundassem as questões discutidas presencialmente e a distância. Desses dezenove textos, dois foram propostos como leituras básicas, indicadas diretamente pelas atividades. Buscamos selecionar textos dinâmicos, com pontos de vistas distintos, que se ocupassem de diversos aspectos relacionados às comunidades de aprendizagem e ao ensino online.⁵ Dentre estes, achamos importante inserir alguns que abordassem diretamente o uso do TelEduc.

Além dos textos, selecionados ou escritos, criamos uma hipermídia, com o intuito de discutir a problemática da interatividade, considerada por nós fundamental em qualquer reflexão sobre o ensino online.⁹ A hipermídia é concebida aqui como uma nova linguagem que, a partir da utilização de diversos meios, produz uma comunicação semanticamente distinta daquela gerada através da escrita, da oralidade ou do vídeo, como apontado por

5

~~9 Para maior aprofundamento consultar: ALVES, Lynn, LAGO, Andréa e NOVA, Cristiane. Educação a distância e comunicação interativa. In: ALVES, Lynn Rosalina Gama e NOVA, Cristiane. (Orgs.). Educação e tecnologia: trilhando caminhos. Salvador: UNEB, 2003, 11-34.~~

autores como Santaella (2001) e Plaza e Plaza. Este define a hipermídia como Para Santaella:

Longe de ser apenas uma nova técnica, um novo meio para transmissão de conteúdos preexistentes, a hipermídia é, na realidade, uma nova linguagem em busca de si mesmo. Essa busca depende, antes de tudo, da criação de hiper sintaxes que sejam capazes de refuncionalizar linguagens que antes só muito canhestramente podiam estar juntas, cominando-as, retencendo-as em uma mesma malha multidimensional. Toda nova linguagem traz consigo novos modos de pensar, agir e sentir. Brotando da convergência fenomenológica de todas as linguagens, a hipermídia significa uma síntese inaudita das matrizes da linguagem e do pensamento sonoro, visual e verbal com todos os seus desdobramentos e misturas possíveis. Nela estão germinando formas de pensamento heterogêneas, mas, ao mesmo tempo, semioticamente convergentes e não-lineares, cujas implicações mentais e existenciais, tanto para o indivíduo como para a sociedade, estamos apenas começando a apalpar (SANTAELLA, 2001:392).

Para Santaella Ela ainda considera a a “hibridização das matrizes de linguagem e pensamento” (2001:392) se constitui em como uma das características básicas da hipermídia.

, retomando a definição de Feldman para quem “a integração sem sutura de dados, textos, imagens de toda as espécies e sons dentro de um único ambiente de informação digital” (Feldman, 1995:4).

Nessa **mesma** linha, Plaza define a hipermídia como

uma forma combinatória e interativa da multimídia, onde o processo de leitura é designado pela metáfora de "navegação" dentro de um mar de textos polifônicos que se justapõem, tangenciam e dialogam entre eles. Abertura, complexidade, imprevisibilidade e multiplicidade são alguns dos aspectos relacionados à hipermídia. A partir do momento em que o usuário pode interagir com o texto de forma subjetiva, existe a possibilidade de formar sua própria teia de associações, atingindo a construção do pensamento

interdisciplinar¹⁰

Foi dentro dessa lógica que buscamos construir uma pequena hipermídia que abordasse diferentes possibilidades trazidas pela interatividade, assim como os possíveis conceitos do termo. Para tanto, dentro de nossos limites técnicos, de custos e de tempo, lançamos mão do uso da escrita, da computação gráfica, de fotografias e desenhos, de sons e músicas, ~~da navegação não-linear,~~ de animações e de vídeos, buscando aproveitar o potencial cognitivo e didático de cada linguagem, a partir do contexto, sem hierarquizá-las *a priori*. No processo de preparação, foram utilizados os seguintes softwares: ~~macromedia-dreamweaver,~~ e flash, ~~adobe-~~photoshop, ~~e adobe-~~première e ~~o-~~corel-draw. Tentamos construir um discurso cuja forma de navegação e conteúdo contemplasse tanto material e referências para um aprofundamento teórico, quanto a idéia da participação do usuário na condução do discurso. O início da hipermídia, por exemplo, apresenta o surgimento de uma tela preta, com um ponto piscando no lado inferior direito e um áudio de fundo, de barulho de água escorrendo. A tela só sai dessa posição, caso o usuário ~~passe o mouse e clique~~ em um dos locais da tela (com a área de link ativa).

É interessante pontuar que alguns alunos não conseguiram avançar e acharam que o cd estava com problemas. Outros já puderam prosseguir mais rapidamente, sendo que a questão pôde ser retomada nos momentos de discussão.

Além dessa hipermídia, construímos um hipertexto sobre planejamento de cursos online, com bem mais informações textuais, mas de forma bastante distribuídas, ao longo de mais de 60 páginas interlinkadas. Embora a base desse discurso seja a escrita, a lógica da navegação foi construída de forma não-linear ~~(com hífen ou sem~~

¹⁰ PLAZA, Julio. Arte e interatividade: autor-obra-recepção.
<http://wawrwt.iar.unicamp.br/textos.html> Capturado em 3 jan. 2003.

hífen), a partir de diversos links que possibilitassem leituras diferenciadas a depender do percurso que cada aluno fizesse (Murray, 1999).

Na esteira perspectiva de Irene Machado, entendemos o hipertexto como

um sistema de escrita digital típico do processo de modelização da linguagem. Partindo da estrutura do texto como combinatória de gêneros, o hipertexto resulta num "grande texto" cuja estruturalidade, mesmo quando reproduz um texto em escrita alfabética, em nada se assemelha a essa modalidade escrita. Sobretudo pela quebra da linearidade. A possibilidade de agregar textos dentro do texto, faz do hipertexto um novo sistema de escrita e leitura, através do qual os gêneros digitais se constituem, como um gênero capaz de redirecionar processos culturais e suas mediações. (MACHADO, 2002: 76-77)

Dessa forma, o hipertexto facilita uma

rápida localização e a imediata disponibilidade de informações desejadas colocam os estudantes na condição de conforme o interesse, as necessidades e o desejo penetrar a fundo num texto, se este for previamente desenvolvido. (WINGERT APUD PETERS, 2001:235)

Existe toda uma discussão hoje sendo desenvolvida pelos estudiosos do hipertexto para saber se este possibilita uma aprendizagem por parte do leitor ou se o deixa completamente confuso e perdido, visto as múltiplas possibilidades de leitura. Embora, hoje, cada vez mais, pesquisadores já se inclinem para a segunda perspectiva (Murray, 1999), ainda há muito preconceito quanto a este tipo de texto, embora esses argumentos sejam bastante discutíveis. Mas o preconceito ainda sobrevive, inclusive nos meios acadêmicos que discutem a problemática, a exemplo dos principais congressos de comunicação que ainda não aceitam contribuições sob a forma hipertextual.

Nosso objetivo didático ao utilizar a hipermídia e o hipertexto foi, dentro dos limites de uma experiência como essa, integrar os alunos dentro dessas novas lógicas de escrita e leitura, que abrem

um imenso potencial cognitivo e comunicacional para o ensino online. ~~Evidentemente que essas mídias não possibilitam aos alunos a concretização de uma comunicação completamente interativa, imersiva (mesmo porque os modelos para se chegar a tais situações ainda estão sendo construídos pelas grandes empresas do entretenimento e centros de pesquisa), mas já os inserem dentro de uma outra lógica de construção de conhecimento.~~

~~Além dos textos, da hipermídia e do hipertexto, foram ainda selecionados alguns vídeos isolados, links comentados, disponibilizados em uma página, assim como foram incluídos no cd um conjunto de softwares e plugins de distribuição gratuitas (sharewares ou freewares) que poderiam ser utilizados, caso o aluno não os tivesse instalado no seu computador.~~

O Processo de Realização do Curso: Relatando e Avaliando

Após a finalização da configuração do ambiente e da construção das mídias, demos início ao processo de inscrição online e realização do curso propriamente dito, para o qual tivemos se inscreverem eletronicamente 21 alunos inscrições.

Por questões de calendário, o curso ~~(de 30 horas) precisou ser~~ foi programado para ser realizado em 20 dias, o que nos levou a ~~concentrar algumas atividades em menos tempo.~~ No primeiro encontro presencial, realizamos uma discussão genérica sobre categorias importantes do ensino online, assim como levantamos demandas e questionamentos dos alunos e apresentamos as ferramentas que seriam utilizadas ~~online~~. Depois demos início às atividades online, sugeridas por nós através de indicações no TelEduc e no cd-rom. Todavia, essas atividades não foram colocadas de forma impositiva e estavam abertas todo o tempo à resignificação, a partir de demandas e sugestões dos alunos. Dentre estas atividades, encontravam-se chats, pesquisas, leituras,

discussão em fóruns, uso do correio, navegação e análise das mídias, realização de trabalhos em equipes, com produção coletiva e encontros online, dentre outros. É interessante pontuar ainda que as atividades foram ~~disponibilizadas~~ estabelecidas de forma que os alunos poderiam realizá-las em seu próprio ritmo, embora sempre tenhamos buscado ~~que~~ o encontrar um tempo próprio ao grupo ~~como um todo~~. A idéia era que todo esse processo pudesse ser acompanhado pelos professores e demais alunos através das ferramentas de comunicação do ambiente e através do contato síncrono possibilitado pelo ~~MSN~~ MMessenger. O segundo encontro presencial serviu para um aprofundamento ~~e discussão~~ de algumas questões já trabalhadas online. No terceiro encontro, realizamos a avaliação das atividades, assim como discutimos a produção do grupo: projetos de cursos online. Embora todas as etapas tenham sido concluídas, enfrentamos algumas dificuldades.

A análise da experiência permitiu algumas inferências: ~~e~~ Em primeiro lugar, constatamos que não houve ~~uma~~ participação de todos os alunos inscritos ~~inicial dos alunos, conforme era esperado no planejamento. Alguns desses alunos (8, correspondente a 33,33 % do total) que se inscreveram no curso, de fato não chegaram a participar do mesmo, isto é, (~~ Alguns nunca entraram no ambiente nem foram nas aulas presenciais realizar nenhuma das atividades (presenciais ou online). Outros entraram uma ou duas vezes no ambiente, de forma muito breve, como se estivessem ~~espiando apenas consultando o ambiente~~ (como que para espiar. Avaliamos que, entre estes, estavam os alunos que tinham um interesse periférico no curso, mas se inscreveram por curiosidade, para dar uma “olhada”, caso houvesse tempo ~~e ainda os que tiveram algum impedimento~~. Esse tipo de inscrição é favorecida pelo fato do curso ter sido gratuito e, pela inscrição não demandar um grande investimento de tempo bastante simples ~~e não estar vinculado a uma necessidade imediata do grupo~~. Portanto, não consideraremos, para efeito de avaliação, esses oito inscritos como alunos do curso.

~~Hoje, Pensamos que esse tipo de perfil/ação/atitude destes cursistas/atitude pode ser minimizada através de mecanismos de seleção ou ainda de algum tipo de atividade inicial online, onde as propostas possam ser esclarecidas e o interesse possa ser minimamente avaliado. Essa alternativa não era viável, no Não foi a nosso caso, nessa prática nesse curso pois na demanda da proposta já havia visto que a proposta tinha um público hipoteticamente específico, que potencialmente era muito participativo.~~

~~Nesse sentido, As atividades foram, portanto, realizadas com um público de 143 alunos. Com estes, enfrentamos algumas dificuldades. Primeiramente, Alguns destes dos alunos apresentaram dificuldades técnicas de uso das ferramentas, tais como instalação de programas e plugins, cadastro no MSN-Messenger, navegação nas hiperlinks e no hipertexto/mídias, demonstrando demonstrando, assim, uma pequena terem pouca interação com as tecnologias digitais. No caso do software de mensagem instantânea Messenger, por exemplo, visto que o mesmo não é uma ferramenta disponibilizada pelo TelEduc, e demandar, portanto, instalação e cadastro, alguns alunos demoraram de utilizá-lo ou praticamente o ignoraram, conforme inclusive relataram no chat. dificultou a viabilização processo rápida desse meio, fazendo com que a comunicação síncrona espontânea (não agendada nos chats) ficasse muito precária e restrita. Consideramos que as questões de comunicação representam essa é uma questão chave um ponto vital a ser pensada seriamente no planejamento, visto que elas podem comprometer o andamento das atividades. Isso coloca a necessidade de que os cursos sejam concebidos levando-se em consideração a predisposição de interação real dos cursistas/estudantes, como pré-requisitos para sua realização, ou ainda que estructurem tipos de formação específica para os alunos que têm dificuldade. Evidentemente, que tudo isso tem que ser planejado de acordo com cada público em particular.~~

Outro aspecto que vale a pena ser ressaltado é o fator tempo

~~que, n. O tempo no ensino online, precisa ser pensado a com muito cuidado e de acordo com a partir da realidade vivida por cada público. No nosso caso, a concentração das 30 horas, incluindo as presenciais e as online, em vinte dias, impelida por problemas de calendário, se mostrou insuficiente. Primeiro porque nosso público era de professores e pesquisadores extremamente ocupados, que, em vários casos não raro, trabalhavam em mais de uma instituição e que tinham paralelamente uma série de muitas outras atividades. E se tratava de alunos que, por não terem a cultura online, não tinham dimensão do investimento de tempo que um curso deste demanda. Culturalmente, as pessoas tendem a achar que os cursos online são fáceis e rápidos. Agravando isto, temos o fato de que o curso foi programado para acontecer próximo antes de a um grande feriado prolongado (carnaval) de muitos dias. Isso nos levou, a partir de uma avaliação feita no processo, junto aos alunos, a reestruturar o planejamento, ampliando a carga-horária do curso e o tempo de realização.~~

~~Pensar o tempo no ensino online, portanto, é um desafio que implica não apenas em conceber o tempo da aprendizagem dos sujeitos, que é distinto, mas ainda o desafio de instaurar a cultura diferenciada. A administração do tempo na EAD é ainda problemática porque o que requer que os alunos tenham uma postura autônoma frente ao seu processo de construção do conhecimento (Preti, 2000), estabelecendo momentos para interação/reflexão/interação com a proposta do curso. É~~

~~Segundo Preti-~~

~~ter autonomia significa ser autoridade, isto é, ter força para falar em próprio nome, poder professar (daí o sentido de ser professor) um credo, um pensamento, ter o que ensinar a outrem, ser possuidor de uma mensagem a ser proferida. Em outras palavras, é ser autor da própria fala e do próprio agir. Daí a necessidade da coerência entre o dizer e o agir, entre a ação e o conhecimento, isto é, não separação desses dois momentos interdependentes (2000:131).~~

~~Nesse sentido, é necessário que os alunos deixem de ter uma~~

postura passiva, receptora de informações, e se impliquem no processo como *interatores*, compreendidos, na perspectiva de Machado (2002), enquanto sujeitos que participam da comunicação ativamente, experimentando, negociando, construindo, mediante a sua imersão nos diferentes espaços. Todavia, nem todos os nossos alunos conseguiram alcançar esse objetivo. Avaliamos que isso só pôde ser alcançado efetivamente por quatro alunos do grupo (aproximadamente 25% ~~dos que realizaram o curso~~). Os demais, em graus diferenciados, participaram das atividades presenciais e online, fizeram a avaliação, mas de forma ainda tímida e inconstante, a exceção dos 25% que evadiram no processo, ~~apresentando por~~ motivos variados, ~~todos ligados~~ a falta de tempo.

É interessante colocar que, durante todo o curso, fizemos o acompanhamento sistemático do grupo ~~inserte~~, discutindo as questões coletivamente nas ferramentas e do TelEduc, nos encontros presenciais, ~~ou através de e-mail coletivos e individuais, onde inclusive convidando ávamos cada individualmente os alunos- mais afastados a participar mais ativamente. Realizamos ainda~~ proposta, indagando os motivos que vinham dificultando a sua participação, bem como desmistificando o ensino online que tem uma lógica diferenciada no qual os sujeitos do processo seguem as atividades assíncronas no seu tempo e tem a possibilidade de acompanhar o que aconteceu nas atividades síncronas, através dos registros disponíveis no bate-papo do TelEduc e/ou as sínteses enviadas para os participantes. Outra alternativa criada para resgatar os que se mostravam afastados do grupo foi a realização de duas avaliações no processo, durante do processo do curso, na medida que foi constatada a necessidade, uma qualitativa, a partir de um Chat onde estas questões foram diretamente discutidas pelos alunos, e uma quantitativa, sob forma de enquetes comentadas. ~~(criada com o suporte de um ambiente free, o enquetes.com.br, visto que o TelEduc não possibilita essa ferramenta), onde os alunos puderam se posicionar. Aqui, mais uma vez, as questões do tempo e~~

das dificuldades técnicas puderam estar presentes. Outras questões levantadas foram as seguintes:

1. Um aluno pontuou que o ensino online deveria utilizar poucos textos e mais mídias que apontassem para o movimento, a emoção e para o caráter lúdico do processo.
2. Um dos alunos apontou que, na segunda semana do curso, as professoras não haviam realizado o mesmo nível de participação da primeira.
3. Um dos alunos colocou a questão da valorização social dos cursos a distância.
4. E alguns discutiram sobre a falta da cultura que faziam com que os alunos não tivessem a clareza do que é um curso online.

~~Sobre a primeira questão, e~~~~Pensamos que a questão um aponta para o fato de que a sociedade hoje perde, progressivamente, o hábito e o prazer da leitura. E ainda para o fato de que o uso das tecnologias audiovisuais e digitais pode gerar o abandono da leitura e sua substituição por linguagens mais sensíveis, diretas e lúdicas.~~ ~~Todavia,~~ embora sejamos grandes defensoras do uso das imagens e sons na educação, seja ela presencial ou online, pensamos ser fundamental o uso da escrita e da leitura, sobretudo para determinadas ações de comunicação e interpretação, para as quais linguagens como a do vídeo, ~~da animação,~~ não são muito eficientes. Esse é o caso, por exemplo, do aprofundamento de determinadas discussões teóricas. É verdade que o uso das hipermídias e hipertextos pode solucionar esses limites, na medida em que possibilitam o uso de diferentes linguagens. Todavia, hoje, ainda não encontramos muita produção acadêmica feita sob essa lógica, para serem disponibilizadas e discutidas.

Quanto a questão dois, avaliamos que não foi perceptível a a ~~aluna não percebeu~~ que aquele momento era o resultado de uma

diminuição da participação geral dos alunos, e ~~que~~ resultou ~~em~~ uma diminuição quantitativa da atuação ~~de~~ comunicação dos professores via Correio e Forum, que em ~~determinado momento, pôde ser pontuado, discutido e~~ ressignificado ~~mas que~~ foi intensificado através de outros meios.

A questão três coloca um ponto interessantes, que se relaciona com o preconceito que ainda existe em relação a EAD, que gera a desvalorização deste tipo de formação, que é uma realidade ainda existente, embora nossa legislação já reconheça sua validade, desde que a partir de cursos que sigam os critérios e avaliações do MEC, inclusive a nível de graduação e pós-graduação. Isso se deve, ao nosso ver, ~~a~~ a uma resistência da sociedade e dos ~~próprios~~ educadores, quanto ao uso das tecnologias no ensino, assim como à repercussão de uma série de experiências frustradas, fruto da adaptação ou transposição de métodos da educação presenciais, na maior parte das vezes tradicionais, do passado e do presente, na EAD. No entanto, pensamos que essa problemática irá se solucionar, à medida que a cultura digital se expandir para toda a sociedade, que o ensino online se ampliar, assim como concepções mais avançadas forem incorporadas nas experiências de ensino online, preocupando-se com a qualidade do processo de ensinar e aprender e não apenas com o quantitativo de alunos formados. Em certo sentido, isso também responde a questão número quatro.

Diante dessas questões, pudemos reestruturar o planejamento, buscando atender as demandas que surgiram no processo, incluindo aí a ampliação da carga-horária e a intensificação dos contatos com os alunos. Aos poucos, fomos percebendo que parte do grupo ~~que~~ deseja pensar o ensino online pôde ir se aproximando da lógica do interator, consolidando momentos de transposição cognitiva que se tornavam visíveis na utilização das ferramentas, no referencial teórico utilizado na comunicação e na sua produção. Este grupo (em torno de 60% ~~dos 14~~ alunos) expressou ter aprendido ~~aprendeu~~ a lidar com a diferença e o novo, a ~~em~~ investir no processo de

construção da autonomia, ~~a~~—__interagir com os suportes tecnológicos e a trilhar os caminhos do desejo, condições *sine qua non* para construir conhecimento. Acreditamos que eles agora estejam muito mais preparados para darem início ao processo de planejamento de cursos online, que lhes exigirá, certamente, muitos outros momentos de formação. E mais, que puderam ter uma grande experiência em torno dos percalços e limites de ser um professor online e realizar cursos a distância ou semi-presenciais. ~~E como sinaliza Babin e Kouloumdjian (1989), os cursistas, assim como nós, aceitaram o desafio de frente ao novo: imergir—distanciar-se e apropriar-se.~~

Referências Bibliográficas

- ~~BABIN, P., KOULOUMDJIAN, M. BABIN, Pierre e Kouloumdjian Marie-France. Os novos modos de compreender a geração do audiovisual e do computador. Tradução Maria Cecília Oliveira Marques, São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.~~
- ~~FREUD, Sigmund. Conferência XV—realização de um desejo. Rio de Janeiro: Imago Editora, Obras Completas, 1976, v. 15.~~
- ~~LÈVY, Pierre e AUTHIER, Michel. As árvores de conhecimentos. São Paulo: Escuta, 1995.~~
- ~~LÈVY, Pierre. A inteligência colectiva - Para uma antropologia do ciberespaço. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.~~
- ~~MACHADO, A. ~~rlindo~~. Regimes de Imersão e Modos de Agenciamento. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002.~~
- ~~MACHADO, Irene. Gêneros no contexto digital. In: LEÃO, Lúcia. (Org.). Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo. São Paulo: Iluminuras / FAPESP, 2002.~~
- ~~MURRAY, Janet. Hamlet em la holocubierta: el futuro de la narrativa em el ciberespacio. Barcelona: Paidós, 1999.~~
- ~~PETERS, Otto. Didática do ensino a distancia. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.~~
- ~~PRETI, Oreste. Autonomia do aprendiz na Educação a Distância. In: PRETI, Oreste (org). Educação a Distância – construindo significados. Brasília: Plano, 2000, p. 125-146.~~
- ~~RHEINGOLD, Howard. Virtual Communities: Homesteading on the Electronic Frontier. Nova York:Harper Perennial, 1993.~~
- ~~<http://www.rheingold.com/vc/book/intro.html>.~~
- ~~ROCHA, H. V. O ambiente TelEduc para educação a distância baseada na web: princípios, funcionalidades e perspectivas de desenvolvimento. <http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>~~
- ~~SANTAELLA, Lucia, e NÖTH, Winfried. Imagem, cognição, semiótica e mídia. São Paulo: Iluminuras, 1999.~~

| TURKLE, S. ~~erry~~. La vida em la pantala – La construcció de la identidad en la era de Internet. Barcelona: Paidós, 1997.

VYGOTSKY, L. S. A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Cole e et al. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

_____ Psicologia Pedagógica. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

| Howard Rheingold